

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA
XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA
1 a 5 de setembro de 2003, UNICAMP
CAMPINAS, SP**

Título da atividade: Apresentação de trabalho no GT 8 – Gênero e Sociedade

Título do trabalho: Intersecções de gênero e classe social nos usos do tempo entre crianças

Autora: Marie Jane Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O objetivo da pesquisa é conhecer os usos do tempo de crianças de classe popular de uma escola da periferia de Porto Alegre. Partimos do pressuposto que há diferenças na alocação do tempo para meninas e meninos, característica da permanência de particularismos patriarcais. Utilizamos o diário de usos do tempo com 300 crianças, na faixa etária de 9 a 11 anos, que registraram todas as atividades cotidianas durante dois dias. Elaboramos três matrizes de dados com: (1) a identificação dos sujeitos da pesquisa; (2) os eventos e o tempo despendido no dia da semana e no Domingo (3) e os dados agregados por evento e tempo total despendido. A estratégia analítica comparou a otimização do tempo entre meninas e meninos a partir de três vetores: cuidados com a casa e o grupo doméstico, cuidados pessoais e o tempo de lazer. Os dados sociodemográficos indicam que a maior parte dos pais e das mães possui o Ensino Fundamental Incompleto e renda familiar entre 2 e 4 salários mínimos. A maioria das mães é dona de casa ou trabalha como empregada doméstica, enquanto os pais ocupam o setor formal tradicional trabalhando na construção civil. Quanto aos usos do tempo, um número expressivo de crianças não registrou a realização de atividades domésticas. A razão para este fato é que o grupo doméstico se organiza pelo princípio de reciprocidade. Quanto às relações de gênero, as meninas despendem mais tempo realizando atividades domésticas e como consequência têm menos tempo para os cuidados pessoais e o lazer. Com os meninos, a assertiva é contrária, o seu tempo livre é maior, resultado do menor tempo destinado às atividades domésticas. Os simbolismos da diferenciação simbólica de gênero ativam os particularismos patriarcais e informam as disposições das famílias e os usos de tempo de meninas e meninos.

[Palavras-chave: temporalidades, gênero e classe social]

Intersecções de gênero e classe social nos usos do tempo entre crianças

Marie Jane Carvalho (UFRGS)¹

As meninas são frequentemente tratadas como inferiores e são socialmente ensinadas a se colocarem em último lugar, o que lhes vai diminuindo o sentimento da própria dignidade. A discriminação e a negligência de que são vítimas na infância podem dar lugar a uma espiral descendente que durará toda a vida, submetendo a mulher a privação e exclusão da vida social em geral. Devem-se adotar iniciativas para preparar a menina a participar ativa e eficazmente, em igualdade com os meninos, em todos os níveis de liderança nas áreas econômica, política e cultural. IV Conferência Mundial sobre a Mulher, Beijin, 1995.

Tempos ocupados²

Os estudos de usos do tempo têm sido realizados sobretudo nos países desenvolvidos utilizando grandes amostragens nacionais, que permitem análises comparativas internacionais entre esses países (Szalai, 1972). No Brasil, devido às restrições orçamentárias das pesquisas, os estudos têm sido feitos com pequenas amostragens, por meio de entrevistas ou observação direta, fato que inviabiliza comparações mais amplas, inclusive no próprio país (Aguiar, 1999; Bruschini, 1983; Duque-Arrazola, 1997). O orçamento do tempo de uma população permite avaliar tanto as mudanças subjetivas e culturais quanto as mudanças estruturais decorrentes dos modos de produção. Em geral, tais estudos são realizados com a população adulta - trabalhadores urbanos, porque suas qualificações educacionais permitem registros mais complexos sobre seu dia. Mesmo assim, pesquisas criativas com populações iletradas foram realizadas possibilitando apreender outros modos de vida e sua organização em função das condições estruturais (Aguiar, 1998; Cebotarev, 1985).

Quanto às pesquisas com crianças localizamos às realizadas pela Universidade de Michigan. Geralmente essas pesquisas utilizam uma abordagem indireta, ou seja, o cuidador primário é responsável pelo preenchimento do diário relatando as atividades da criança. Tais pesquisas atingem um grande número de famílias e são realizadas desde o final da década de 60, possibilitando comparações sobre as mudanças ao longo do tempo. Os orçamentos para tais pesquisas são assombrosos para a realidade brasileira (vão de trezentos a oitocentos dólares por criança) (MacArthur Research Network, 2000). Com o intuito de viabilizar uma pesquisa sobre os usos do tempo com crianças utilizamos como ponto de partida o diário desenvolvido pela Universidade de Michigan. Todavia, em razão da proposta de abordagem direta com as crianças, foi necessário pensar

¹ Foram bolsistas desta pesquisa: Juliana Brandão Machado (PIBIC/CNPq) e Tatiane da Rosa da Silva (BIC/UFRGS). A Juliana ganhou o prêmio jovem cientista da UFRGS na área de Ciências Humanas, em 2001, com a apresentação desta pesquisa.

² Muitas são as pessoas que contribuíram com esta pesquisa e a todas somos muito gratas. Agradeço a Neuma Aguiar que, no seminário 'Análise dos usos do tempo' do Curso de Atualização em Metodologia Quantitativa nas Ciências Sociais/UFGM, forneceu as ferramentas e os aportes teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradecemos à FAPERGS, pelo auxílio de bolsa recém doutor; à PROPESQ, pelo atendimento das solicitações com ajuda financeira para a realização da pesquisa e pelas bolsas de Iniciação Científica. Em especial agradecemos à Marininha Aranha Rocha pela acolhida; à RIOCELL pela ajuda financeira à pesquisa e à Gráfica da UFRGS que confeccionou os diários.

um novo formato e conteúdo para o diário de usos do tempo.

O objetivo da pesquisa é conhecer detalhadamente os usos do tempo de crianças de classe popular, na faixa etária entre 9 e 11 anos, em especial a utilização do seu tempo fora do horário escolar. Pressupondo a alocação diferencial do tempo entre grupos sociais distintos e entre meninos e meninas, em razão da emergência de aspectos culturais e das contingências de vida das famílias, o foco central da pesquisa é análise do uso discricionário do tempo por gênero e classe social. A distribuição do tempo é um dos elementos que ajuda a compreender as configurações de gênero numa dada formação social.

A contribuição deste estudo é no sentido de expressar a compreensão no uso discricionário do tempo interseccionando as categorias analíticas: gênero e classe social. O desdobramento visa oferecer um quadro comparativo sobre os usos do tempo entre crianças de classe popular, inter-relacionando aspectos que potencializam o uso discricionário do tempo.

Nosso primeiro embate foi justamente com a capacidade de crianças jovens, com idade entre 8 e 10 anos, poderem simbolizar o tempo e o espaço para realizar um registro que necessita, além da alfabetização, a apreensão de sucessão, simultaneidade e movimento das atividades no tempo e no espaço. Dos autores mais conhecidos, que trabalham com a perspectiva da maturação cognitiva da criança, em especial Piaget, poucos atentam para a questão de classe social. Emilia Ferreiro e Ana Teberoski (1991), seguidoras de Piaget, defendem que a estrutura de classe social não faz diferença para a cognição.³ Esse é um dos aspectos que poderemos conferir na pesquisa, mas antes é necessário compreender como os autores entendem a apropriação simbólica das crianças para mais tarde esclarecer o que é possível ou não com a realização do diário de usos do tempo.

O tempo é uma categoria simbólica altamente especializada e sua apropriação pelo sujeito não se dá antes dos 7 anos de idade (Elias, 1998; Piaget, 1946; Piaget, 1970). Vygotsky (1989, 1993), no entanto, argumenta que a aquisição de conceitos é um processo intrinsecamente relacionado com a história sociocultural de cada criança. A compreensão do conceito é anterior a sua própria explicitação. Sua abordagem não desconhece a necessária maturação biológica, mas sua ênfase teórica desloca a centralidade da competência, adquirida na integração entre o biológico e o social (como em Piaget) para a mediação cultural e histórica. Tal perspectiva sublinha as relações entre os sujeitos, os significados culturais, os constrangimentos sociais e a competência aprendida.

A vida das crianças que nasceram numa sociedade com alto grau de industrialização é afetada

³ Emilia Ferreiro e Ana Teberoski demonstram em seu livro que a classe social não influencia a aquisição das estruturas cognitivas. "Nosso objetivo fundamental, ao contrastar os dois grupos de crianças [de classe baixa (CB) e classe média (CM)], consiste em saber se as mesmas condutas [para os níveis de conceitualização na compreensão do sistema da escrita] aparecem em ambos os grupos, ou se há condutas específicas para cada grupo. Nesse sentido, os dados são conclusivos: não há nenhum tipo de conduta que seja exclusivo de um grupo social" (1991, p.143). Isto está na

pelos ritmos dos tempos desenvolvidos nesta sociedade. O uso discricionário do tempo pelas crianças alterou-se substantivamente na última metade do século XX. Nos séculos anteriores (de XVII a XIX), a escola foi um dos fatores que alterou a educação das classes populares (da aprendizagem de ofícios para a escolarização, da indiferenciação das idades para sua categorização, da instrução coletiva na comunidade para o colégio), com a consolidação de um tempo e espaço específicos destinado à escolarização das crianças (Ariès, 1981). Atualmente, elas permanecem na escola, em média, entre 25 e 30 horas semanais. O uso do tempo livre das obrigações escolares também se alterou com a popularização da televisão em meados do século XX e sua expansão geométrica no último terço do mesmo século. De 2 a 4 horas por dia são despendidos pelas crianças em frente à televisão. Esta absorve uma parte considerável do tempo de lazer. A escolha e a realização de atividades de lazer estão vinculadas à classe social, à localização geográfica na cidade, à disponibilidade e acessibilidade aos equipamentos coletivos de lazer e, tão importante quanto esses, tem-se o nível educacional do indivíduo.

A utilização do orçamento de tempo com crianças não é uma tarefa fácil. Exigiu da equipe pensar um diário de usos do tempo apropriado para 300 crianças que abrangesse uma faixa etária que variou de 8 a 15 anos de idade. Não nos foi possível aplicá-lo durante uma semana, como geralmente é o indicado. Aplicamos o diário em dois dias: em um dia da semana (Sexta-feira) e um dia no final de semana (Domingo). As limitações que encontramos na sua aplicação fizeram-nos ser cautelosas quanto à sua extensão analítica. Nossa intenção com este trabalho não é apontar generalizações. O que apresentamos é um estudo aplicado em uma situação micro, estimando o tempo de meninas e meninos despendido nos cuidados com a casa e o grupo doméstico, nos cuidados pessoais e nos investimentos do tempo livre – subdividindo-o em dois momentos: assistir televisão e brincar. Para qualificar a pesquisa agregamos outras informações: sobre as famílias, buscadas nos registros de matrícula escolar; sobre o bairro Vila Nova, coletadas junto aos órgãos do governo municipal; sobre a comunidade, a partir de entrevistas com as coordenadoras do Centro Administrativo Regional (CAR) que atuam no local; sobre as crianças, a partir de observações pontuais das professoras e, numa segunda etapa, a partir da aplicação de um questionário sobre o tempo de lazer.

O uso discricionário do tempo tem marcas que advém das imposições cotidianas de uma sociedade industrial que regula as relações no interior do grupo doméstico e, também, dos entendimentos culturais sobre o que cabe a cada um. As atribuições para meninos e meninas, para mulheres e homens, são o resultado da forma como uma sociedade institui as relações de gênero, constituindo lugares, atitudes, tarefas, modos de ser distintos, entendimentos que acabam por limitar

as possibilidades de uso discricionário do tempo para uns e expandi-los para outros.

Os simbolismos de gênero são construídos a partir de matrizes culturais, histórica e socialmente atravessados por particularismos patriarcais. Gênero é “um tipo de diferenciação categórica que assume conteúdos específicos em contextos particulares”, diz Piscitelli ao estudar Stratern (1997, p.60). Seu conteúdo específico é ativado nas relações entre mulheres e mulheres, homens e homens, e entre mulheres e homens. Seus simbolismos e particularismos informam e conformam modos de ser subjetivos e coletivos. Como efeito, sobressaem-se as disposições sociais que tolgem a liberdade de agente das mulheres. A consequência dramática disso é a privação do desenvolvimento das capacidades individuais das mulheres.⁴ É a natureza dessas disposições que refletem e atualizam as atitudes da família e da sociedade. Há ativação em cadeia dessas disposições entre os agentes sociais, as políticas públicas e as estruturas sociais, que reciprocamente informam-se uma nas outras.

A educação escolar está entre os fatores que potencializam a possibilidade de alterar essas disposições. Aqui não entramos no mérito de analisar se isso é ou não realizado ou quais seriam suas condições de realização. Chamamos a atenção para, de um lado, os intitulamentos sociais da educação escolar que conferem poder aos sujeitos, de outro para a educação em geral (proposta por qualquer instituição) que promove a discussão social informada e a formação de novos valores, fortalecendo os agentes sociais. “A educação escolar pode tornar maior o poder decisório de uma mulher jovem na família mediante o efeito dessa educação sobre o prestígio social da mulher, seu potencial para ser independente, seu poder de expressar-se bem, seus conhecimentos sobre o mundo fora de casa, sua habilidade para influenciar as decisões do grupo, etc.” (Sen, 2000, p.252). A educação tem efeitos positivos nos usos do tempo entre mulheres e homens, ainda que suas mudanças ao longo do tempo sejam sutis.

Os simbolismos de gênero são apreendidos, as disposições subjetivas e sociais são amalgamadas e os efeitos deletérios para as mulheres são duradouros socialmente. Há muitos modos de constituir diferenciações categóricas, por vezes tão presentes no cotidiano, tão ‘normais’ que causam pouco ou nenhum estranhamento. Incluímos nessa cotidianidade a diferenciação de gênero nos usos do tempo. As meninas, muito mais do que os meninos, são demandadas para os cuidados com a casa e o grupo doméstico em detrimento do seu tempo de cuidados pessoais e de lazer, como distinguimos detalhadamente no agrupamento e análise dos dados adiante. Compreender a extensão das diferenciações de gênero nos usos do tempo nos apresenta como possível construir intervenções mais efetivas que propiciem a condição de agente das mulheres desde criança. A educação em geral e a

⁴ Para Sen (2000, p.46) “a liberdade individual é essencialmente um produto social, e existe uma relação de mão dupla entre (1) as disposições sociais que visam expandir as liberdades individuais e (2) o uso de liberdades individuais não só para melhorar a vida de cada um, mas também para tornar as disposições sociais mais apropriadas e eficazes.”

educação escolar, em particular, podem contribuir para redefinir os arranjos sociais de gênero.

A sustentação da pesquisa

Nossa hipótese é de que o gênero é um dos organizadores simbólicos do tempo de meninas e meninos; sua presença se faz notar na diferenciação dos usos do tempo para ambos no que diz respeito aos cuidados com a casa, os cuidados e o tempo dedicado às atividades de lazer. O tempo de envolvimento no trabalho doméstico é um fator importante na determinação do tempo de lazer, como se verá adiante. Antes de trazer os dados da pesquisa, a próxima parte analisa as potencialidades e as limitações da metodologia, especialmente a utilização do diário de usos do tempo. Nossa maior preocupação era com a capacidade das crianças em compreender uma noção complexa como o tempo e fazer o registro correto no diário. Em razão das limitações de ordem financeira nesta pesquisa não nos foi possível aplicar a entrevista do dia anterior para completar ou apurar os dados, como sugerem alguns autores. Então, aqui, abordamos o que nos foi possível fazer, haja vista as limitações de toda ordem.

O tempo de atividade escolar compulsória das crianças compreende o período da manhã ou da tarde perfazendo, em média, de quatro horas e trinta minutos a cinco horas de permanência na escola. Considerando que, via de regra, a jornada de sono de uma criança está entre 8 e 10 horas temos que, do período total das 24 horas de um dia, elas têm entre 10 e 11 horas livres da obrigação de estar na escola. As crianças permanecem na escola em torno de um terço do tempo do seu período de atividade livre num dia, excluindo o tempo do sono. Então, o que elas fazem nos outros dois terços do dia? No que se envolvem? Como e com o quê as suas horas "livres" da escola estão sendo ocupadas?

As problematizações centrais desta pesquisa são: Como as crianças de uma escola de classe popular utilizam o seu tempo? Quais são as condições objetivas que permitem otimizar o tempo discricionário? Quais são as condições subjetivas criadas culturalmente que permitem ou não a apropriação do tempo diferencial entre meninas e meninos? Nossos pressupostos iniciais foram: (1) Há distribuição diferencial por gênero nos usos do tempo das crianças; (2) Há permanência de particularismos patriarcais na alocação do tempo e do espaço de meninas e meninos; (3) As particularidades sociais da comunidade, na oferta de serviços e lazer, juntamente com as condições econômicas de cada família, permitem ampliar o escopo de escolhas discricionárias no uso do tempo para as crianças.

Definimos a coleta de dados através de um diário de orçamento do tempo. Este diário, baseado no modelo da Universidade de Michigan, foi desenvolvido para ser respondido diretamente pelas crianças e por isso, passou por alterações consideráveis. Basicamente reinventamos um diário para

ser aplicado com crianças e adolescentes. Desde a visita inicial à escola pesquisada, quando apresentamos o projeto à equipe de coordenação pedagógica e o modelo de diário da Universidade de Michigan, trocamos idéias com as professoras sobre o material. Em outro momento, após serem definidas as turmas que seriam pesquisadas, reunimo-nos com as professoras dessas turmas para explicar-lhes o projeto, a forma como o diário estava sendo desenvolvido e pedir-lhes a colaboração quando o material fosse distribuído. Este momento foi importante, pois as professoras nos indicaram as possíveis dificuldades que os alunos enfrentariam, já que conhecem o seu nível de desenvolvimento.

O estudo que realizamos para a elaboração do diário compreendeu, entre outras coisas, a aplicação da técnica de grupos focais, onde aleatoriamente escolhemos dois alunos (uma menina e um menino) de cada turma que seria pesquisada e, em grupo, fizemos um levantamento de todas as atividades que as crianças realizam durante um dia inteiro relacionadas as atividades do dia anterior. Os grupos focais tiveram por objetivo verificar a adequação das principais categorias incluídas no diário de usos do tempo para crianças (Carvalho, 2001a). As categorias originais foram levantadas a partir de questionamentos lançados nos grupos focais, com crianças de classe popular, abrangendo o relato das atividades desde a hora em que acordavam até a hora de dormir, especificando os horários de cada atividade. As categorias analíticas foram confrontadas àquelas relacionadas na classificação internacional da ONU - Trial International Classification for Time-use Activities (United Nations Secretariat, 1997). A codificação final recebeu a seguinte classificação:

Atividades⁵ relacionadas com:

- Cuidados com a casa e o grupo doméstico - preparar o café, o almoço, a janta, os lanches; arrumar o quarto ou a casa, limpar, lavar, dobrar, guardar, fazer pequenas compras para a casa. Incluindo os cuidados com outras crianças: reparar, brincar, acompanhar até a escola, dar alimentos, vestir, lavar e limpar crianças;
- Educação – ir à escola: como todas as crianças da pesquisa frequentam a escola, o tempo computado é fixo e igual para todas, o que o diferencia é assistir aulas de línguas, música, computação fora da escola. Inclui o tempo dedicado a fazer os temas de casa;
- Lazer - audição de rádio, CD e similares, assistir televisão, vídeo, jogar no computador ou usar a rede, praticar esportes, brincar na rua ou em casa, videogame, jogar futebol, passear,

⁵ "Atividade é definida como qualquer comportamento no tempo que pressupõe permanências quanto: ao termo de senso comum usado pelo respondente para a primeira ou a segunda atividade; a localização; o instrumento; e as interações com outra pessoa." As interações comportam cinco dimensões do comportamento: tempo, primeira atividade, localização, interação, atividade secundária. Definindo atividade de uma forma positiva nós temos que "a alteração de qualquer uma das cinco dimensões que caracterizam o comportamento marca o começo de uma nova atividade (...). A atividade primária representa a organização impreterível de um dia, como consequência da organização de uma sociedade e a combinação de deveres que resultam da configuração dos papéis sociais de uma pessoa; em geral a atividade secundária

visitar parentes ou amigos, conversar com parentes ou amigos;

- Cuidados pessoais – inclui dormir, descansar, sestar, escovar os dentes, tomar banho, preparar-se para sair.

O diário de uso do tempo para crianças agregou recursos pictóricos com a finalidade de ajudá-las a lembrar e a descrever as atividades em que se envolvem durante o dia.⁶ Solicitamos às crianças que marcassem a hora e os minutos em que começam e terminam cada atividade.⁷ Após sua elaboração, aplicamos o diário com um grupo de dez crianças, uma de cada turma que seria pesquisada e as treinamos para orientar os demais colegas. Essas crianças serviram de agentes orientadores das demais no preenchimento dos diários, bem como nos auxiliaram a testar a eficácia do material e a observar as dúvidas das crianças em relação ao preenchimento.

O preenchimento do diário ocorreu no mês de dezembro de 2000, quando foi realizado um treinamento, em que se reuniram as turmas que participariam da pesquisa. Organizamos duas turmas por sessão (totalizando as dez turmas), explicando a forma do preenchimento do diário. A pesquisa foi realizada com as turmas do segundo ciclo que freqüentavam a escola no turno da tarde, especificamente com os 1º e 3º anos do 2º ciclo, num total de seis turmas do 1º ano e quatro turmas do 2º ano. As turmas tinham, em média, 30 alunos. Cada criança que compareceu à aula no dia do treinamento recebeu um diário para ser preenchido num dia da semana e outro para ser preenchido no fim de semana, e um relógio digital, para garantir que marcassem as horas corretamente. O Domingo foi escolhido para computar na pesquisa o lazer de fim de semana, uma vez que caracteriza melhor o final de semana pois algumas atividades são proporcionadas pela escola em alguns sábados. Para o dia da semana, excluímos a terça-feira, pois este é o dia em que a equipe de professores da escola reúne-se e as crianças são liberadas mais cedo da aula; numa Quinta-feira realizamos o treinamento e a Sexta-feira foi destinada para o registro.

A sistemática do preenchimento consistiu em marcar todas as atividades realizadas em cada dia inteiro, desde a hora em que acorda até a hora de dormir, com o horário inicial e final das atividades. Cerca de 500 diários foram distribuídos, retornaram 320 – 160 para cada dia. Analisando cada um dos diários selecionamos uma amostra de 140 diários para cada um dos dias, eliminando aqueles que não estavam respondidos na sua totalidade.

representa as preferências individuais” (Scheuch, 1972, p77), revelando o seu estilo de vida.

⁶ Cada diário é composto de 24 páginas; a primeira página solicita dados gerais sobre as crianças e as demais páginas estão distribuídas por hora relacionando todos os minutos. Cada página está dividida em grade com as categorias: hora; atividade primária (O que você está fazendo?); interações (Com quem você está?); lugar (Onde você está?); atividade secundária (O que mais você está fazendo?). O período de uma hora até às cinco horas da manhã foi incluído em uma única página, partindo do pressuposto de que essas constituem as horas de sono. Mantivemos esta página para registros que eventualmente podem ocorrer como, por exemplo, cuidar de uma pessoa doente, ver televisão até tarde, ir a uma festa

⁷ A primeira página do diário solicitou dados de identificação e outros de cunho sociodemográfico respondidos em conjunto, no momento em que distribuímos os diários. Mesmo assim ainda encontramos alguns diários com dados

Além dos diários, realizamos um levantamento de dados sociodemográficos a partir dos dados que constam na folha de matrícula de cada aluno. A coleta desses dados abarcou a escolaridade, a ocupação e a renda dos pais, das mães ou responsáveis pelas crianças agregando o número de pessoas que coabitam com ela e o ano em que entrou na escola. Esses dados serviram para identificar a população pesquisada e permitiram analisar a relação entre usos do tempo e classe social.

De posse dos diários respondidos, iniciamos no mês de janeiro de 2001 a criação do banco de dados com matrizes no SPSS. A primeira matriz agrega os eventos do dia da semana; a segunda relaciona os eventos do fim de semana; e a terceira agrega os dados de identificação da criança e de sua família. A partir dessas matrizes, outras foram elaboradas agregando todos os dados.

Em março de 2001 retornamos à escola para buscar informações adicionais. As primeiras se referem ao rendimento escolar dos alunos no ano passado (2000). E, em virtude das observações sobre o tempo de lazer das crianças, constatamos que este tempo é dividido basicamente em dois momentos: um destinado às brincadeiras e outro a assistir televisão, sendo que o último ocupa a maior parte do tempo livre. O objetivo inicial sobre o uso do tempo das crianças, com aplicação e análise inicial dos diários, nos conduziu a um desdobramento da pesquisa. Visando aprofundar o conhecimento sobre o que as crianças fazem na hora do lazer, elaboramos um questionário que indagou sobre as brincadeiras que realizam e os programas que assistem na televisão.

A análise inicial dos usos do tempo pretendia observar o tempo despendido no lazer e no trabalho pelas crianças. Uma vez que apenas três casos de trabalho formal foram registrados, excluindo as atividades domésticas, passamos a analisar o tempo livre das crianças em relação ao lazer. A proposição de uma investigação paralela, combinou estudos teóricos sobre o lazer e a busca de representantes da administração pública responsável pela região em que se localiza a escola (Vila Nova). Em razão dos dados apresentados, a metodologia da pesquisa incluiu a escolha de uma investigação de acordo com uma amostragem por critério. A lógica dessa estratégia é rever e estudar os casos que preenchem critérios de importância pré-determinados (Carvalho, 2001b). Neste caso definimos que as entrevistas complementares deveriam ser realizadas com pessoas-chaves que estão relacionadas à administração municipal. Selecionamos a coordenadora da região centro sul do Centro Administrativo Regional (CAR), para realizar uma entrevista sobre a oferta de equipamentos coletivos no bairro em que se situa a escola.⁸ A partir desta entrevista, outra pessoa foi selecionada para ser entrevistada - a coordenadora do CAR-Sul, que abrange toda a região sul da cidade de Porto

incompletos.

⁸ O CAR é o órgão de mediação entre as comunidades e a Prefeitura Municipal; organiza as reuniões do Orçamento Participativo. Ele está dividido em regiões, que são correspondentes as do Orçamento Participativo (por ex., Norte, Sul Leste.). Cada região é dividida em microrregiões, como é o caso da região centro sul (CAR-Sul) onde se localiza a Vila Nova.

Alegre. Nossa expectativa com tais entrevistas era poder relacionar se o fato de as crianças despenderem tanto tempo em frente à televisão era em razão da falta de alternativas na comunidade em que vivem. As duas entrevistas foram organizadas de forma semi-estruturada com o foco central na questão dos equipamentos coletivos para o lazer.

Buscamos, ainda, informações sobre a Vila Nova em diferentes secretarias da administração municipal: na Secretaria do Planejamento Municipal (SPM) obtivemos dados sociodemográficos e o aerofotométrico do bairro; no Setor de Supervisão de Parques, Praças e Jardins da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) levantamos informações sobre a situação das praças; na Secretaria Municipal de Educação (SMED) buscamos a relação das escolas existentes na Vila Nova; na Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC) e na Secretaria Municipal de Cultura (SMC) relacionamos os eventos realizados no bairro.

A metodologia que se utiliza da aplicação dos diários de uso do tempo encerra limitações que convém esclarecer: (a) praticamente todas as crianças desta pesquisa, na sua maioria oriundas de famílias que ganham entre 2 e 4 salários mínimos, não dispunham de relógio de pulso. Para garantir o registro com base no tempo convencional, cada uma delas recebeu um relógio digital, o que em princípio facilitou a visualização das horas; (b) alguns estudantes, principalmente os mais jovens com 8 anos de idade, não sabiam ler as horas corretamente (por exemplo, houveram estudantes que nos perguntaram o que eram 13 horas). A razão principal para isso está no fato da sua inexperiência em lidar com horas e minutos simplesmente por falta de relógio em casa (algo que não previmos) aliado à dificuldade em simbolizar o tempo vivido dimensionando-o conforme as horas do relógio; (c) muitas crianças aceitam participar da pesquisa porque há um estímulo adicional para fazê-lo: ganhar um relógio, entretanto isso não assegura o seu engajamento na tarefa; (d) distribuimos 262 diários para o dia da semana, retornaram 160, dos quais aproveitamos 140. Isso se deu em função de que as crianças esqueceram de devolver o diário no dia marcado, outras simplesmente não responderam e outras se negaram a responder.

As observações acima detêm-se nos aspectos da aplicação dos diários, de ordem técnica, mas há outras limitações de ordem epistemológica: (a) uma importante consideração é o fato de que o orçamento de tempo proposto aos respondentes se refere a um dia de atividade durante a semana e a um dia no final da semana com uma ordenação cronológica. Com isso perde-se a variedade de atividades que uma pessoa realiza. Uma forma de ultrapassar tal limitação seria aplicar o orçamento com uma população consideravelmente maior, o que para nós foi inviável devido aos custos da pesquisa. A precaução na análise deste grupo é considerá-la como uma possibilidade cotejando-a com outros dados, tanto os obtidos nos grupos focais quanto os dados apresentados por outros

pesquisadores. Outra alternativa é deter-se nas regularidades nos 140 diários considerados para cada dia, mesmo que isso implique a perda de inúmeras atividades; (b) a pesquisa fica restrita ao que informaram os respondentes e nem sempre as informações são precisas. Há lacunas nos diários porque, por vezes, os respondentes não registram corretamente o início e o fim das atividades, especialmente quando as atividades se sobrepõem; (c) muitas das atividades cotidianas, devido à sua ocorrência simultânea com outras atividades, não são registradas ou os respondentes encontraram dificuldades em registra-las, já que o diário orienta os sujeitos a responderem a primeira e a segunda atividade, mas não há espaço para uma terceira ocorrência. Isso não impede que se registre outras tantas atividades simultâneas mas a própria estrutura do diário fornece direcionamentos que acabam eliminando o registro das muitas tarefas que as crianças se envolvem. Todavia, por razões práticas, é melhor trabalhar somente com o registro da atividade primária e uma atividade secundária, conforme sugere Scheuch (1972); (d) a dificuldade das crianças em realizar um registro pormenorizado. Uma boa parte delas simplesmente esquece de registrar, o que deixa lacunas no diário. O mesmo foi observado em pesquisas com adultos (Government of India; UN-ESCAP, 1999); (e) muitas atividades executadas não são registradas, especialmente aquelas que são rotineiras. Entretanto, observamos que as crianças registraram praticamente as atividades rotineiras; (f) as atividades de lazer se confundem com as atividades de trabalho. Algo que é entendido por nós como parte do trabalho doméstico como, por exemplo, cuidar de outras crianças, não é considerado trabalho porque as crianças, em geral as meninas, que o fazem brincam simultaneamente. Tal fato foi detectado na pesquisa de Heilborn (1997, p.313) quando as atividades ocorrem de modo “sincopado”, de modo que “a ocupação de ‘olhar menino’ pode preencher um espaço de tempo de até quatro horas, período que as meninas e adolescentes geralmente não contabilizam como uma atividade em si, uma vez que se desenrola ao mesmo tempo com o próprio lazer”; (g) a própria apresentação de um rol de atividades com ilustração, logo no início do diário, pode limitar o contingente de atividades em que as crianças se envolvem, mesmo considerando que as extraímos das respostas que elas nos forneceram nos grupos focais contrastando-as com a classificação internacional.

As limitações com o diário de usos do tempo em que a própria criança é solicitada a registrar são ainda maiores. Não há como garantir a acurácia e a precisão das informações fornecidas pelos respondentes. A saída foi fazer a análise por um caminho dedutivo e aproximativo com o que foi registrado no diário utilizando-se da comparação entre os diários; (h) a dinâmica intra e interfamiliar está ausente neste tipo de abordagem. Pode-se apenas inferi-la, diferente do que ocorre numa abordagem etnográfica onde os elementos sociais, que organizam as temporalidades, podem ser acessados diretamente pelo pesquisador e confrontados com a situação em que vive o sujeito; (i) a

utilização dos diários de usos do tempo é uma abordagem que se detém na mensuração do dispêndio de horas e minutos nas atividades cotidianas e apresenta um orçamento de tempo. Com isso “os recortes de tempo estandardizado do relógio comportam uma racionalidade específica” (Heilborn, 1997, p.297), que cautelosamente podem ser usados para compreender a dinâmica das relações sociais. No mesmo caminho Scheuch (1972) chama a atenção para outra questão substantiva do orçamento de tempo: “o modo pelo qual o dispêndio do tempo é percebido” (Scheuch, op. cit., p.69) pelos agentes sociais. A percepção do tempo por cada agente está na dependência das propriedades socialmente relevantes que uma sociedade atribui ao uso do tempo. As informações das pesquisas de orçamento de tempo refletem indiretamente “as propriedades estruturais de uma sociedade” (ibid).

A melhor contribuição que oferecemos é a condução de um exercício exploratório que pode servir de base para outros estudos maiores. A intenção é testar a abordagem numa situação micro e ver suas possibilidades para ser aplicada a uma população maior. Os estudos do tempo, com sua metodologia própria, mostram certas regularidades macroestruturais na alocação do tempo entre as inúmeras atividades humanas. Entre as quais as mais importantes para compreender as relações de gênero são: estimar o tempo de mulheres e homens despendido nos afazeres domésticos, incluindo o cuidado com as crianças; fornecer informações sobre o trabalho infantil; fornecer *insights* sobre a distribuição do trabalho intrafamiliar que pode explicar por que e como as mulheres são sobrecarregadas com tarefas repetitivas e monótonas; estimar o tempo de lazer de homens e mulheres; antever a mobilidade das mulheres fora de casa; compreender quanto do trabalho doméstico é compartilhado entre mulheres e homens; analisar as regularidades no uso do tempo dos setores sociais mais vulneráveis incluindo as crianças (Government of India e UN-ESCAP, 1999; Hirway, 1999).

Os dados obtidos por meio de estudos do tempo podem ser contrapostos à luz de outras pesquisas, com outras aproximações metodológicas, para comparar seus resultados e suas análises, ou mesmo a aplicação de outras técnicas de pesquisa para minorar os problemas desta abordagem. Em razão das dificuldades que apareceram na pesquisa, principalmente no tocante à confiabilidade do registro correto das atividades no diário, privilegamos a atividade primária na análise e utilizamos as atividades secundárias como qualificadoras dos estilos de vida, a exemplo do que é sugerido por Erwin Scheuch (op. cit.).⁹

Via de regra os estudos de orçamento de tempo tem sido utilizados para dimensionar aspectos da dinâmica social em grupos humanos grandes e compara-los entre si, mostrando suas similaridades,

⁹ Os pré-testes aplicados por Scheuch (op. cit.) sugerem que quanto mais uma pessoa é parte de uma sociedade industrial, com alta densidade de comunicação, e quanto maior o nível de educação, tanto maior é a tendência dela executar simultaneamente atividades primárias e secundárias.

regularidades e dessemelhanças em vista de suas configurações culturais e sociais. Mesmo reconhecendo suas limitações, esta pesquisa busca iluminar aspectos sobre a distribuição do tempo por gênero e classe social utilizando o orçamento de tempo, cotizando as informações com pesquisas de outra natureza metodológica.

Os usos do tempo entre crianças da periferia de Porto Alegre

As crianças da pesquisa não apresentaram dificuldades em entender o tempo. Elas têm clareza sobre a duração e sucessão dos eventos; a parte mais difícil é o registro das atividades simultâneas. A razão para isso encerra outra explicação que não se detém no entendimento da simultaneidade, como se verá adiante. As dificuldades que elas apresentaram em fazer o registro não é diferente daquelas encontradas por outros pesquisadores entre a população adulta (Hirway, 1999). As crianças mais jovens (entre 9 e 10 anos) foram as mais responsivas no registro de suas atividades. É possível aplicar o diário que elaboramos com grupos maiores. A precaução para garantir a confiabilidade do registro é ter uma pessoa treinada, próximo aos grupos, que possa orientar e verificar o andamento do registro, como o fez Neuma Aguiar (1998). E tão importante quanto isso é agregar a entrevista do dia anterior, o que não nos foi possível realizar.

No geral o tempo das crianças durante o dia da semana divide-se em atividades como: (1) higiene pessoal; (2) tarefas domésticas; (3) escola; (4) lazer; (5) sono. Muitas atividades não foram registradas pelas crianças, em particular aquelas que são de curta duração, tais como arrumar a cama, pôr a mesa, guardar alguma coisa. E mesmo as atividades de longa duração, por vezes, não foram registradas como, por exemplo, reparar outras crianças. As últimas se confundem com as atividades de lazer (por exemplo, cuidar um irmão menor enquanto brinca com ele ou assiste TV). Via de regra o não registro de tais atividades é em razão do que Heilborn (1997) analisou na sua pesquisa em que as tarefas cotidianas da casa são entendidas pelas crianças como 'ajuda' e obrigação moral em compartilhar o trabalho como contrapartida de pertencer ao grupo doméstico. Apesar das limitações apresentadas com a utilização de registros no diário de usos do tempo para crianças, há uma série de indícios que apontam para a divisão das temporalidades por gênero. A proporção maior de envolvimento das meninas com as tarefas domésticas está na razão menor de utilização do tempo para o lazer e o descanso. O tempo expressivo dedicado a assistir televisão encontra sua razão de ser no fato de que a comunidade é carente de alternativas de espaço e de equipamentos coletivos, como veremos em seguida.

A Vila Nova

O bairro Vila Nova tem uma área de 10 km² (1.031 hectares) e uma população de 30.772 habitantes - com 31 por km², conforme os dados da Secretaria do Planejamento Municipal (SPM). A

renda do bairro fica em torno de 3,5 salários mínimos. A avaliação dos equipamentos coletivos de lazer, em especial as praças e parques, que recebemos data de 1992 e mostra que apenas uma das dez praças, indicadas no mapa aerofotométrico, possui infra-estrutura planejada para atender o lazer de diferentes faixas etárias. A praça se chama Figueira da Pedra e tem espaços para recreação infantil, prática de esportes e confraternizações. O bairro possui duas praças que foram ocupadas por sub-habitação e uma praça que só tem nome, pois se trata de uma área reservada para sua construção. Localizamos a Escola Vila Monte Cristo no aerofotométrico e constatamos que não há nenhuma praça nas suas proximidades.

Na entrevista com a coordenadora do Centro Administrativo Regional (CAR), ela observou que tem alguns focos no bairro de alto empobrecimento, principalmente nas áreas onde foram assentadas famílias que viviam em condições precárias em outros pontos da cidade. Algumas dessas famílias organizaram uma cooperativa de reciclagem de lixo, que emprega quarenta pessoas. A maioria dos homens que residem no bairro trabalha na construção civil. Como representante da Prefeitura, que organiza as comunidades no processo do Orçamento Participativo (OP), a coordenadora afirma que a Vila Nova é umas das comunidades mais atuantes e que sempre procurou qualificar o trabalho dentro do Orçamento. As reivindicações da comunidade no Orçamento Participativo, em termos de obras, referem-se principalmente à habitação e saneamento. Esses itens são os mais demandados pelas comunidades.

A Vila Nova dispõe de poucos espaços públicos de lazer: há uma praça, chamada Charrua, onde funciona um módulo da Secretaria da Educação e conta com o serviço de uma professora que presta atendimento à comunidade; há uma área de preservação ambiental conhecida como Campo do Periquito onde tem um campo de futebol que é utilizado pela comunidade; há um ginásio de esportes que, se localiza no bairro Cavalhada (adjacente ao bairro Vila Nova), pertence a toda região. O bairro conta com postos de saúde, igrejas, clubes e escolas. As atividades culturais são levadas à comunidade através do programa de descentralização da cultura da Prefeitura. Segundo nossa entrevistada, a comunidade conta atualmente com oficinas de teatro, música, arte e capoeira. Ela observou que o bairro necessita de mais áreas públicas de lazer, mas as comunidade ainda não está priorizando este tipo de obra no Orçamento Participativo. A coordenadora do Centro Administrativo Regional – Sul (CAR-SUL) diz que este assunto só é discutido no OP quando as comunidades já têm atendidas suas necessidades de infra-estrutura básica. Na falta desta, com razão, as pessoas não consideram o lazer uma necessidade, embora os representantes do governo municipal considere-o tão importante quanto a saúde e a educação, pois partem do entendimento de que o investimento em um não exclui o outro.

A Vila Nova conta com seis escolas, sendo quatro municipais e duas estaduais. Das quatro escolas municipais, duas oferecem o Ensino Fundamental e as outras duas Educação Infantil. As duas escolas estaduais também oferecem o Ensino Fundamental. Não há no bairro escolas de Ensino Médio, de Ensino Supletivo nem escolas com classes de Educação Especial. Há três escolas que oferecem ensino noturno: uma escola estadual que conta com classes de 5ª a 8ª série e duas escolas municipais que contam com o Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA).

Na Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC), no setor de Supervisão e Abastecimento, fomos informadas que o bairro possui uma feira modelo realizada sempre aos sábados na Rua Atílio Azambuja e que todos os anos se realiza a Festa do Pêssego. No setor de Eventos da SMIC recebemos o calendário oficial de eventos de Porto Alegre referente ao período de março a agosto deste ano (2001). Neste calendário estão indicados também os eventos permanentes, isto é, os eventos que são oferecidos durante todo o ano. Há o projeto “Cultura Pura Aqui” que oferece espetáculos de teatro, dança, música nas dezesseis regiões do Orçamento Participativo. O projeto “Oficinas de Cultura” oferece oficinas nas áreas da música, artes plásticas, artes cênicas, capoeira, entre outras (em todas regiões do OP). A região centro-sul recebe este ano oficinas de capoeira e música no bairro Vila Nova.

As famílias e as crianças

Como já foi dito, a pesquisa investiga o uso discricionário do tempo, com recorte analítico de gênero. No cruzamento dos dados inúmeras informações foram obtidas, das quais selecionamos as tabelas abaixo para comporem a análise. Os dados iniciais (Tabelas 1 a 6) dizem respeito à caracterização da comunidade e das crianças pesquisadas (Tabelas 7 a 10). As tabelas posteriores se referem à análise dos usos do tempo baseada nos diários respondidos pelas crianças destacando a atividade primária.

A primeira tabela apresenta os níveis de escolaridade das mães das crianças pesquisadas. A maioria das crianças mora com o pai e a mãe ou com um dos dois; são poucos os casos de crianças que moram com outras pessoas, por isso a base de dados tem como referência os dados da mãe e do pai. A maioria das mães possui apenas o Ensino Fundamental Incompleto (54,1%), o que indica uma baixa escolaridade. Sobressaem-se, ainda, as mães com escolaridade ao nível de Ensino Fundamental Completo (13,5%) e Ensino Médio Completo (16,5%) e cinco com Ensino Superior Completo ou Incompleto.

TABELA 1 Nível de escolaridade das mães

Escolaridade	Mães %
Ensino Fundamental Incompleto	54,1
Ensino Fundamental Completo	13,5
Ensino Médio Incompleto	6,8

Ensino Médio Completo	16,5
Ensino Superior Incompleto	1,5
Ensino Superior Completo	2,3
Sem Informação	5,3
Total (133)	100,0

Assim como a escolaridade das mães, a maioria dos pais possui apenas o Ensino Fundamental Incompleto (41%); em segundo lugar aparecem os pais que possuem o Ensino Médio Completo (17,9%); em terceiro, os pais que têm o Ensino Fundamental Completo (14,2%); e em quarto, os pais que têm Ensino Médio Incompleto (9,7%). Nos indicadores de escolaridade dos pais não há registro de “Sem escolaridade”, como aparece na tabela 1 - no caso das mães. Porém o indicador “Sem informação” agrega um número grande de casos, o que pode indicar uma resistência dos homens em admitir que não possuem escolaridade.

TABELA 2 Nível de escolaridade dos pais

Escolaridade	Pais %
Ensino Fundamental Incompleto	41,0
Ensino Fundamental Completo	14,2
Ensino Médio Incompleto	9,7
Ensino Médio Completo	17,9
Ensino Superior Incompleto	1,5
Ensino Superior Completo	3,0
Sem Informação	12,7
Total (134)	100,0

As tabelas seguintes mostram as ocupações das mães e dos pais, e estão apresentadas conforme duas divisões diferentes: Categorias ocupacionais e distribuição das ocupações. Utilizamos a apresentação relacionando a distribuição das ocupações, como uma forma de destacar as proximidades e diferenças entre as mães e os pais.

TABELA 3 Categorias ocupacionais por gênero

	MAES %	PAIS %
Não manual	25,0	41,4
Manual	11,4	37,9
Donas de casa	30,0	-
Empregadas domésticas	16,4	-
Desempregados	-	2,1
Aposentados	2,1	0,7
Imprecisos	-	0,7
Sem informação	15,0	17,1
Total	(140)	(140)

A maioria das mães é dona de casa (30%), seguindo em segundo lugar às que exercem atividades não manuais (25%); elas trabalham como vendedoras, telefonistas e recepcionistas. Há também um número expressivo de empregadas domésticas (16,4%), onde estão tanto as diaristas quanto as empregadas domésticas. Equiparam-se as porcentagens de pais que trabalham em atividades no setor não manual (41,4%) como ambulantes, motoristas, vendedores e os que trabalham no setor manual (37,9%) como pedreiros, serventes de obras e serviços gerais. Essas duas categorias agregam basicamente todo o contingente de ocupações dos pais das crianças pesquisadas.

A Tabela 4 apresenta outra divisão das categorias ocupacionais das mães e dos pais das crianças, também relacionando as ocupações delas e deles na mesma tabela.

TABELA 4 Distribuição das ocupações por gênero

	MÃES %	PAIS %
Administração e supervisão	6,4	11,4
Ocupações no setor formal tradicional	17,9	38,6
Ocupações no setor formal moderno	2,1	7,1
Ocupações no setor manual por conta própria	2,9	11,4
Ocupações no setor não-manual por conta própria	7,1	10,0
Donas de casa	30,0	-
Empregadas domésticas	16,4	-
Desempregados	-	2,1
Aposentados	2,1	0,7
Imprecisos	-	1,4
Sem informação	15,0	17,1
Total	(140)	(140)

A maior parte das mães se declara dona de casa (30%), seguida pelas que trabalham no setor formal tradicional (17,9%) como vendedoras, balconistas, serviços gerais e as que são empregadas domésticas (16,4%).¹⁰ Uma observação acerca das duas tabelas pode ser feita: em ambas, a categoria “desempregados” não foi assinalada pelas mães, como ocorre para os pais. Isto pode significar que as mães, quando sem emprego formal além de continuarem sendo donas de casas, provavelmente se encontram realizando algum trabalho no setor informal. O setor formal tradicional reúne a maioria das atividades desempenhadas pelos pais (38,6%) das crianças da pesquisa. Eles são vendedores, comerciários, serventes, porteiros, vigias, etc.¹¹ Cada uma das tabelas que mostra as ocupações, tanto das mães quanto dos pais, aponta a diferença entre a diversidade das ocupações das mulheres e dos homens.

A seguir serão apresentados os índices de renda familiar. Este é mais um indicador que caracteriza a comunidade pesquisada como de classe popular urbana. A Tabela 5 caracteriza as famílias das crianças pesquisadas, apresentando os níveis de renda familiar, que são resultantes da somas da renda da mãe e do pai e, eventualmente, a renda de outras pessoas adultas que trabalham e coabitam na residência.

TABELA 5 Renda familiar total

Renda	Famílias %
até 90 reais	0,9
de 91 a 360 reais	41,4
mais de 361	57,7

¹⁰ As mães estão distribuídas em 21 tipos de ocupações no setor formal tradicional. Elas são vendedoras, auxiliares de serviços gerais, balconistas, atendentes de creche, camareiras, caixas operadoras, auxiliares de enfermagem, serventes, comerciárias, atendentes de mercado, atendentes de alimentação, auxiliares de limpeza, recepcionistas, garis, confeitadeiras, auxiliares de lavanderia, cozinheiras, auxiliares de cozinha, auxiliares de confeitaria, monitoras.

¹¹ Os pais distribuem-se em 33 tipos de ocupações no setor formal tradicional: demolidor, servente de obras, balanceiro, auxiliar de motorista, segurança, auxiliar de estoque, mecânico, pedreiro, motorista, frentista, garçom, garagista, entregador, auxiliar de segurança, vendedor, comerciário, servente ajudante de caminhão, serviços gerais, auxiliar de manutenção, vigia, tratador de animais, gari, vigilante, auxiliar de enfermagem, cobrador, mestre de obras, lavador, porteiro, boy, auxiliar de serviços gerais, caminhoneiro, zelador, auxiliar de escritório.

Total (111)

A maioria das famílias está distribuída nas faixas de “meio até 2 salários mínimos (SM)” e “mais de 2 salários mínimos”. Entretanto, observa-se que uma parte expressiva das famílias encontra-se na terceira faixa, de “mais de 2 salários mínimos” com renda igual ou superior a dois salários mínimos.¹² É importante salientar que na categoria de “mais de 2 salários mínimos” encontram-se famílias com renda entre 3 ou 4 SM (em torno de R\$ 500,00). Há famílias com rendimentos superiores a 6 SM, mas esses são casos isolados. As famílias desta pesquisa são compostas em média de quatro a cinco pessoas e a renda predominante é em torno de 3 salários mínimos. Apesar do fato de que os autores têm constatado a “pauperização” dos salários nos últimos anos, o que torna a vida das famílias de classe popular urbana ainda mais difícil (Saffioti, 1997), as famílias desta pesquisa têm condições melhores se comparadas às outras famílias classificadas como de classe popular (Fonseca, 1995). As condições tanto de escolarização quanto de renda dessas famílias permitem-nos inferir a razão pela qual encontramos no trabalho formal apenas três adolescentes. A isso é necessário agregar o fato de que as condições da comunidade são boas se comparadas com outras regiões da periferia de Porto Alegre. A comunidade dispõe de saneamento básico e de equipamentos coletivos - como centros comunitários, escolas e creches - aliados ao fato de que a Secretaria de Educação mais o Conselho Tutelar, através da escola, fazem pressão sobre as famílias para que mantenham seus filhos na escola.

Quanto ao número de pessoas que coabitam a mesma residência, a maior parte dos estudantes vivem em lares que têm entre 3 e 5 pessoas. São famílias relativamente pequenas, embora o terreno das residências possa ser ocupado com as casas de outros parentes.

TABELA 6 Número de pessoas que coabitam a mesma residência

Total de pessoas*	%
2	1,8
3	18,0
4	23,4
5	17,4
6	7,8
7	1,2
8	3,0
9	0,6
Total (122)	

*Excluindo a própria criança

Como vimos, a maior parte das famílias (num universo de 140), com as quais estamos trabalhando, concentra a escolaridade no Ensino Fundamental Incompleto. A escolaridade média não ultrapassa a 5ª série, ou seja, praticamente são analfabetos funcionais (Carvalho, 1999), mas estão em melhores condições se comparadas com outras famílias de classe popular urbana que, muitas vezes, não ultrapassaram “o primeiro ano da escola primária” (Fonseca, 1995, p.77). A baixa escolaridade é um indicador da dificuldade de alocação no mercado de trabalho. Quanto maior o nível de

escolaridade maior é a possibilidade de conseguir melhores empregos (Pastore e Silva, 2000). Quanto às ocupações vimos que a maior parte dos pais divide suas atividades entre o setor não manual e o manual. As mães, na maioria, são donas de casa ou empregadas domésticas. Quanto aos rendimentos, as famílias desta pesquisa dividem-se em dois grandes grupos: as que percebem entre $\frac{1}{2}$ e 2 salários mínimos e as que percebem entre 2 e 4 salários mínimos, coabitando a residência entre 3 e 5 pessoas.

Para o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2001), hoje a renda mínima necessária para uma família de quatro pessoas viver com dignidade é de R\$ 1 mil (ou seja, 5,5 SM). A maior parte das famílias percebe até R\$500,00 (em torno de 2,5 SM), mesmo que isso esteja longe de ser satisfatório e imponha dificuldades, ainda assim permite que elas não tenham urgência da renda que adviria do trabalho dos filhos. Em nossos dados há somente três crianças trabalhando formalmente e as observações das professoras na escola apontam para a mesma direção, isto é, são relativamente poucos os estudantes, no conjunto da escola (com mais de 600 alunos), que realizam atividades remuneradas formalmente. Esses são, portanto, alguns indicadores que nos fazem caracterizar essas famílias como de classe popular urbana.

Reunimos o máximo de dados sobre as crianças da pesquisa iniciando a apresentação por algumas características gerais quanto a idade, gênero e rendimento escolar. Adiante as tabelas remetem para o cruzamento dos dados dos diários de campo com as categorias analíticas sobre o uso do tempo, gênero e: cuidados pessoais; cuidados com a casa; lazer (desdobrando-o com o tempo despendido em assistir os programas na televisão e brincar), dividindo-os entre os dias da semana e do fim de semana. A Tabela 7 apresenta as idades das crianças da pesquisa separadas por gênero.

TABELA 7 Faixas de idade

Faixas de idade	Meninas%	Meninos%	Total%
8-9	14,0	17,4	31,1
10-11	22,3	28,1	50,4
12 ou mais	6,6	11,8	18,5
Total	(58)	(77)	(135)

A maioria, das crianças, está na faixa etária entre nove e onze anos (105 crianças), e um grupo que concentra 17 crianças na faixa de 12 anos de idade. Com 8 anos temos 5 crianças. Com 13, três, com 14, três e apenas um com 15 anos de idade. 80% das crianças desta pesquisa têm entre 9 e 11 anos, sendo que a maior parte tem entre 10 e 11 anos de idade. Esta relativa homogeneidade quanto à idade é uma característica da proposta pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, em que os ciclos de formação são divididos de acordo com as idades das crianças. Por isso, não há grandes oscilações entre as faixas etárias e o ano do ciclo frequentado; as mais jovens encontram-se no 1º ano do 2º ciclo.

¹² Um salário mínimo aqui corresponde a R\$180,00.

Ainda caracterizando a população da pesquisa, em especial os estudantes, apresentamos a tabela 8 com a relação entre gênero e rendimento escolar. Esta tabela está dividida conforme os níveis de progressão adotados pela escola, cujos dados são do rendimento escolar de 2000.

TABELA 8 Rendimento escolar

Rendimento	Meninas %	Meninos %
PS	60,3	57,3
PPA	23,8	25,3
PSAE	15,9	17,3
Total	(63)	(75)

Nota: PS = Progressão Simples; PPA = Progressão com Plano Didático de Apoio; PSAE = Progressão Sujeita a Avaliação Especializada

No primeiro indicador, “Progressão Simples”, que corresponde ao nível de progressão em que o aluno atinge mais de 60% dos objetivos propostos, é superior a porcentagem de meninas. No segundo indicador, em que é proposto um acompanhamento para o aluno com alguma defasagem (PPA), a concentração de meninos é levemente superior; a diferença não é significativa. No terceiro indicador, quando o estudante apresenta uma grande dificuldade de aprendizagem (PSAE), também a maioria é de meninos. Os dados de diferentes autoras apontam que as meninas se saem melhor na escola em termos de permanência e de rendimento (Duque-Arazola, 1997; Heilborn, 1997; Rosemberg, 1994). Em outra pesquisa, incluindo a mesma escola, constatou-se que “as diferenças na aprovação e reprovação por gênero são inexpressivas. Há diferenças de ano a ano que são favoráveis, ora a uns, ora a outros” (Carvalho, 1999, p.265-6), de modo que os dados foram insuficientes para sustentar que havia diferenças, o mesmo ocorre aqui. Veremos a seguir se é possível sustentar diferenças ou não quanto ao uso do tempo para meninas e meninos desta pesquisa.

Temporalidades e gênero

A tabela 9 apresenta a relação entre gênero e cuidados com a casa, que envolve as atividades de preparo de refeições, limpeza e organização da casa, cuidar de crianças ou pessoas doentes ou idosas e fazer pequenas compras para a casa.

TABELA 9 Duração de cuidados com a casa

Duração em minutos	Meninas %		Meninos %	
	Dia da semana	Domingo	Dia da semana	Domingo
Nenhum registro	31,7%	22,4%	44,6%	40,3%
Até 30	17,5%	25,9%	23,0%	26,0%
31 e mais	50,8%	51,7%	32,4%	33,7%
Total	(63)	(58)	(74)	(77)

Cinquenta e três crianças (38,7%) não registraram qualquer atividade doméstica. Pode-se levantar a hipótese de que elas simplesmente não fizeram tal registro, o que é mais provável. Via de regra, as crianças se encarregam de alguma atividade doméstica diária, como, por exemplo, arrumar a cama, guardar seus brinquedos e preparar a mesa para as refeições. Nos grupos focais as crianças relacionaram tais atividades como ocupando uma pequena parcela do cotidiano, informação compartilhada praticamente por todas elas. Tais atividades ocupam pouco tempo do dia, o que pode

ter levado elas a não relatarem esses pequenos trabalhos. Principalmente em razão de que tais atividades são entendidas como ‘ajuda e obrigação’, ou seja, parte da contribuição recíproca esperada de cada membro da família, em geral, e das crianças, em particular (Heilborn, 1997; Dauster, 1992). Mesmo fazendo tais ressalvas, podemos observar que os meninos, mais do que as meninas, não relataram atividades de cuidados com a casa.

No segundo indicador, de 1 a 30 minutos diários realizando tarefas domésticas, os meninos também são maioria. Ocorre o inverso, porém, no terceiro indicador (de 31 minutos e mais) em que é expressivamente maior a alocação de meninas. Neste caso, as tarefas relacionadas à casa estão distribuídas de forma desigual, uma vez que as meninas despendem mais tempo de seu dia realizando tarefas domésticas.

Vale ressaltar também que é grande a quantidade de crianças (meninas e meninos) que não realiza tais atividades. Isto pode ser um indicador de que há um adulto que cuida desta criança e faz tais atividades, e aliando aos dados de que muitas mães são donas de casa, tem-se aí uma possível explicação. Das meninas que se envolvem muito tempo em atividades domésticas encontramos um tempo que pode variar de 31 minutos até 3 horas diárias, principalmente entre as meninas de 11 a 13 anos de idade. Nos grupos focais houveram meninas, principalmente as que têm entre 12 e 15 anos, que relataram cuidar inteiramente da casa e dos irmãos: limpam e arrumam a casa e preparam as refeições para toda a família.

As tabelas 10 e 11 apresentam o número eventos e a duração dos eventos, respectivamente, relacionadas às atividades de cuidados pessoais, que compreendem as atividades de sono, descanso e higiene pessoal.

TABELA 10 Número de eventos de cuidados pessoais

Número de eventos registrados	Meninas %	Meninos %
1 a 5	-	1,3
6 e mais	100,0	98,7
Total	(62)	(77)

Praticamente meninas e meninos têm seis ou mais eventos diários relacionados com as atividades de cuidados pessoais, as diferenças ficam por conta da duração do tempo para tais atividades.

TABELA 11 Duração dos cuidados pessoais

Duração em horas	Meninas %		Meninos %	
	Dia da semana	Domingo	Dia da semana	Domingo
Até 13	58,1	44,8	55,1	41,6
13 e mais	41,9	55,2	44,9	58,4
Total	(62)	(58)	(78)	(77)

Ainda que as diferenças sejam pequenas, observa-se que uma porcentagem expressiva de meninas despendem até 13 horas com atividades de cuidados pessoais, em que o peso maior recai

sobre o tempo destinado ao sono. Os meninos se encontram em maior proporção na duração que abrange mais de 13 horas. Na tabela 12 a relação com o total de casos torna mais expressiva tal diferença.

TABELA 12 Duração dos cuidados pessoais proporcional ao total

Duração em horas	Dia da semana		Domingo	
	Meninas %	Meninos %	Meninas %	Meninos %
Até 13 horas	25,7	30,7	19,3	23,7
Mais de 13 horas	18,6	25,0	23,7	33,3
	Total (140)		Total (135)	

Confrontando com as tabelas anteriores, em que o tempo destinado para os cuidados com a casa vai além de 31 minutos registrados no diário, o tempo destinado aos cuidados pessoais diminui na medida em que as meninas são mais demandadas para os trabalhos domésticos. Este ponto é importante para a análise que se pretende fazer adiante, e será contraposto com o tempo despendido nas atividades de lazer.

Um tempo precioso – ter tempo para se entreter

Excetuando a ‘ajuda’ das crianças no cuidado com a casa e o tempo destinado aos cuidados pessoais, as atividades relacionadas ao lazer tem peso substantivo no uso discricionário do tempo. Lazer, aqui, envolve brincar, assistir televisão, escutar música, participar de eventos sociais, brincar no computador e, principalmente, brincar na rua.

A renda familiar tem impacto sobre os eventos de lazer, quanto maior a renda maiores são as chances de ocorrerem eventos de lazer, como se pode conferir abaixo.

TABELA 13 Renda familiar e eventos de lazer

Renda familiar	Eventos de lazer		
	1 a 4 (%)	5 a 10 (%)	10 ou mais (%)
até 90 reais	1,5	2,9	-
de 91 a 360 reais	39,7	35,3	28,6
mais de 361	58,8	61,8	71,4
Total	(68)	(34)	(7)

A tabela 14 apresenta o número de eventos de lazer registrados por meninas e meninos no dia da semana e a tabela 15 apresenta as relações proporcionais, entre meninas e meninos, dos usos do tempo de lazer para o dia da semana e o fim de semana. As faixas de tempo de lazer estão divididas em horas.

TABELA 14 Total de eventos de lazer

Número de eventos	Meninas %	Meninos %
1 a 4	62,3	67,6
5 a 10	36,1	21,6
10 ou mais	1,6	10,8
Total	(61)	(74)

Tanto as meninas quanto os meninos registraram de 1 a 4 eventos de lazer durante o dia da semana. Uma porcentagem expressiva de meninas registrou entre 5 e 10 eventos e uma porcentagem

expressiva de meninos registrou 10 ou mais eventos. Resta-nos saber se o número de eventos é proporcional à sua duração.

TABELA 15 Duração do lazer

Duração em horas	Meninas %		Meninos %	
	Dia da semana	Domingo	Dia da semana	Domingo
Até 1	57,1	50,0	38,7	24,7
2-4	36,5	41,4	49,3	51,9
4 e mais	6,3	8,6	12,0	23,4
Total	(63)	(58)	(75)	(77)

À exceção da primeira faixa na tabela 15, de até uma hora, em que há mais meninas, nas outras duas aparecem mais meninos. Na medida em que aumentam as faixas de tempo despendido em atividades domésticas, como indicado nas tabelas 11 e 12, diminui o tempo despendido com o lazer. O que se observa é que quanto maior o tempo de lazer tanto maior é a porcentagem de meninos envolvidos nessas atividades.

Os próximos dados compõem um dos desdobramentos da análise que dividiu o tempo de lazer em duas partes: o tempo despendido em assistir televisão e o tempo despendido em brincadeiras, ambas relativas às atividades primárias.

TABELA 16 Total de eventos 'brincar'

Eventos 'brincar'	Meninas %	Meninos %	Total %
1 a 4	28,1	37,0	65,2
5 a 10	16,3	11,9	28,1
10 ou mais	0,7	5,9	6,7
Total	(61)	(74)	(135)
Total %	45,2	54,8	100,0

É maior a porcentagem de meninos que registra entre 1 e 4 eventos no dia; as meninas registraram mais eventos, de 5 a 10. Embora sejam poucos os eventos na faixa de 10 ou mais, praticamente não se encontra registro por parte das meninas. O número de eventos não é suficiente para estimar o tempo, o que se verá na tabela 17.

As tabelas a seguir mostram a relação entre gênero e o tempo despendido em brincadeiras em relação à atividade primária no dia da semana e no fim de semana.

TABELA 17 Duração do brincar

Duração em horas	Meninas %		Meninos %	
	Dia da semana	Domingo	Dia da semana	Domingo
Até 1	59,5%	67,3%	51,7%	55,2%
2-4	32,4%	25,0%	31,0%	31,3%
4 e mais	8,1%	7,7%	17,2%	13,4%
Total	(37)	(52)	(58)	(67)

Na tabela 16 vimos que as meninas registraram mais eventos de brincar do que os meninos, na faixa de 5 a 10 eventos, e que os meninos registraram mais eventos entre 1 e 4 e uma porcentagem, ainda que pequena, de meninos registrou mais de 10 eventos, entretanto a diferença se faz notar no tempo despendido nas brincadeiras. Na tabela 17 observa-se que na medida em que aumenta o tempo despendido em brincar, maior é a diferença entre meninas e meninos, sendo sempre superior a

alocação do tempo de lazer (brincar) dos meninos. Em contrapartida, o tempo destinado à realização das atividades domésticas, como já vimos, ocorre o contrário: há a prevalência das meninas.

Prosseguindo com as atividades de lazer, veremos adiante além da duração do tempo em assistir televisão quais são os programas de maior interesse das crianças. Através dos programas que elas costumam assistir diariamente pode-se estimar o tempo que elas dedicam à televisão e confrontar com o tempo que foi registrado nos diários.

A tabela abaixo apresenta a relação entre gênero e o tempo despendido em assistir televisão.

TABELA 18 Duração em assistir TV

Duração em horas	Meninas %		Meninos %	
	Dia da semana	Domingo	Dia da semana	Domingo
Até 1	50,0	79,6	44,4	74,6
2-4	32,0	18,4	28,6	20,3
4 e mais	18,0	2,0	27,0	5,1
Total	(50)	(49)	(63)	(59)

Seguindo a lógica das análises anteriores, de acordo com o aumento do tempo despendido em assistir televisão, o número de meninos é maior. Em média as crianças permanecem em frente à televisão durante 2 a 4 horas por dia. A falta de alternativas de lazer e de equipamentos coletivos na comunidade, próximo das moradias das famílias de classe popular urbana, faz com que uma parte do tempo de lazer seja ocupado com a televisão. De outra parte, seguindo as análises de Souza (1972), tem-se que o tempo de lazer é despendido com o que está à mão. No último nível, “mais de 4 horas”, o número de meninos alocados é superior ao de meninas na mesma posição. Com exceção da primeira faixa de tempo, nas outras duas predominam os meninos.

Os dados abaixo foram extraídos do protocolo aplicado e complementam as informações do diário de usos do tempo. Foi em razão dos dados levantados nos diários que sentimos necessidade de saber como o tempo de lazer é usufruído. Como uma parte considerável do tempo de lazer, da maior parte das crianças, é dedicado a assistir televisão, então, é importante saber o que elas costumam assistir.

TABELA 19 O que você costuma assistir?

%	NOVELAS		PROGRAMAS		DESENHOS		FILMES		NOTICIÁRIOS	
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos
Resposta										
SIM	86,0	32,3	23,1	19,2	57,9	79,2	36,4	76,9	2,5	6,2
NÃO	14,0	67,7	76,9	80,8	42,1	20,8	63,6	23,1	97,5	93,8
TOTAL (MENINAS 121) (MENINOS 130)										

As meninas majoritariamente registraram assistir as novelas e os desenhos, e os meninos, os filmes e os desenhos. O divisor é entre as novelas e os filmes, mas convém registrar que as novelas são de interesse geral entre as famílias e provavelmente os meninos assistam mais novela do que realmente gostariam de registrar, como se pode confrontar com a tabela abaixo.

De todos os programas relacionados (que são os mesmos para todos os dias e horários),

destacamos os cinco mais assistidos.

TABELA 20 Os cinco programas de televisão mais assistidos

%	PORTO DOS MILAGRES		MALHAÇÃO		ESTRELA GUIA		OS SIMPSONS		UM MALUCO NO PEDAÇO	
Resposta	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos
SIM	57,0	51,5	55,4	32,3	58,7	25,4	37,2	42,3	41,3	37,7
NÃO	43,0	48,5	44,6	67,7	41,6	74,6	62,8	57,7	58,7	62,3
TOTAL (MENINAS 121) (MENINOS 130)										

Mais da metade dos meninos assiste a novela 'Porto dos Milagres'. O interesse geral deles se distribui entre as novelas e os desenhos. As meninas, na maioria, assistem mais novelas mas também assistem **desenhos**. Em todo caso, os registros dão conta de uma certa preferência por gênero, ainda que possamos especular que meninas e meninos se entretêm com as novelas.

Se tomássemos somente o horário dessa programação ela ocuparia duas horas e trinta minutos de assistência no dia da semana, próximo do tempo médio despendido pelas crianças no dia da semana (entre 2 e 4 horas). Como se vê a programação da televisão seduz as crianças.

Na tabela 21, os dados dizem respeito ao questionamento feito no protocolo que solicitava às crianças registrarem no que elas brincaram no dia anterior. Dos 251 protocolos aplicados, 82 crianças (32,6%) registraram que não brincaram no dia anterior.

TABELA 21 Do que você brincou ontem?

%	Brincaram		Esconde-esconde		videogame		Casinha Boneca		Futebol		Bicicleta		Pular corda	
Resp.	Menina	Menino	Menina	Menino	Menina	Menino	Menina	Menino	Menina	Menino	Menina	Menino	Menina	Menino
SIM	59,5	74,6	35,5	14,6	27,3	78,5	17,4	-	22,3	73,1	42,1	53,8	15,7	3,1
NÃO	40,5	25,4	64,5	85,4	72,7	21,5	82,6	-	77,7	26,9	57,9	46,2	84,3	96,9
Total	(121)	(130)	(MENINAS 72) (MENINOS 97)											

Há diferença significativa entre os que brincaram e os que não brincaram no dia anterior, sendo que a proporção de meninas (40,5%) é significativamente superior a dos meninos (25,4%). As brincadeiras que mais envolveram as meninas foram: andar de bicicleta (42,1%), esconde-esconde (35,5%), jogar videogame (27,3%), jogar futebol (22,3%), brincar de boneca (17,4%) e, por fim, pular corda (15,7%). Por ordem, os meninos brincaram de: jogar videogame (78,5%), jogar futebol (73,3%), andar de bicicleta (53,8%), brincar de esconde-esconde (14,6%) e somente uns poucos brincaram de pular corda (3,1%). Há indícios que apontam que os meninos são presenteados com bola e videogame. Somente as meninas ganham boneca e os constrangimentos para um menino se envolver na brincadeira de 'casinha' são tão grandes que não há registro de menino fazendo isso ou eles não quiseram fazê-lo. As meninas, com o estímulo da escola, têm cada vez mais participado dos jogos de futebol ou criado times femininos. Ambos parecem ganhar uma bicicleta que é, praticamente, um dos poucos brinquedos para o qual não há uma linha demarcando o território simbólico de gênero. Além de perguntar o que elas brincaram no dia anterior, solicitamos o que elas mais gostam de brincar.

[MJC1] Comentário: COLOCAR UMA LISTA COM OS HORÁRIOS DESSES PROGRAMAS ESTIMANDO O TEMPO DIÁRIO ASSISTINDO TELEVISÃO COM O QUE FOI REGISTRADO POR ELAS NOS DIÁRIOS E, COM ISSO, CONFRONTAR COM O TEMPO EFETIVO QUE SOBRA PARA SE ENVOLVER COM AS BRINCADEIRAS.

TABELA 22 Do que você mais gosta de brincar?

%	Jogar videogame		Jogar futebol		Andar de bicicleta	
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos
Resposta						
SIM	27,3	78,5	22,3	77,9	42,1	57,9
NÃO	72,7	21,5	72,9	27,1	53,8	46,2
TOTAL (MENINAS 121) (MENINOS 130)						

As meninas registraram uma quantidade muito maior de variações nas brincadeiras (pega-pega, esconde-esconde, cinco marias, vôlei, jogos de imitar, amarelinha), mas a predileção recai sobre andar de bicicleta; e quase um terço delas também aprecia jogar videogame e jogar futebol. Os meninos apreciam principalmente jogar videogame, futebol e andar de bicicleta. Além desses, aparecem os jogos de bolita e cartas. Os meninos também se envolvem na maior parte das brincadeiras que as meninas realizam, com exceção, é claro, das brincadeiras de ‘boneca’ e ‘casinha’. Mas a predileção dos meninos, e foi prioritariamente registrado, é pelo futebol.

Retornando aos dados do diário de usos do tempo, temos a acrescentar os registros sobre com quem a criança estava enquanto realizava as atividades e onde se encontrava.

A tabela abaixo informa sobre quem são as pessoas que estão próximas às crianças quando elas registraram a primeira e segunda atividades no diário em um dia da semana.

TABELA 23 Com quem você está?

	Meninas %	Meninos %
Sozinho	33,1	32,9
irmãos	18,5	13,7
parentes	6,2	6,8
família	11,5	16,4
pai	6,9	5,5
mãe	5,4	4,1
amigos	5,4	4,1
outros	8,5	11,0
sem informação	4,6	5,5
Total	(130)	(146)

A maior parte das crianças da pesquisa está sozinha ou junto com os irmãos. Estar junto com os irmãos pode refletir que elas e eles estejam tomando conta deles. Na distribuição das durações do tempo agregamos a mãe e o pai no indicador ‘família’, já que a tabela 23 mostra pouca diferença relativa na presença de ambos, certamente devido ao trabalho.

TABELA 24 Com quem você está?

		Meninas %	Meninos %
Até 1 hora	família	32,0	34,9
	sozinho	28,0	36,1
	irmãos	26,7	14,5
	parentes	5,3	8,4
	amigos	8,0	4,8
	outros	-	1,2
Total		(75)	(83)
1 hora ou mais	sozinho	44,9	32,7
	outros	22,4	27,3
	família	14,3	16,4
	irmãos	8,2	14,5

	parentes	8,2	5,5
	amigos	2,0	3,6
Total		(49)	(55)

Como indicado na tabela anterior, a maior parte das crianças passa o tempo sozinha quando o registro indica mais de 1 hora. Até uma hora o maior tempo é despendido com a família.

A tabela seguinte registra onde a criança se encontrava quando registrou a atividade primária.

TABELA 25 Onde você está?

Lugar	Meninas %	Meninos %
casa	24,6%	22,6%
rua	16,2%	14,4%
escola	10,0%	8,2%
outros	2,3%	4,1%
Total	(61)	(74)

Um terço está em casa, a rua aparece em segundo lugar para ambos e a escola em terceiro. Sobre a escola é significativo registrar que o preenchimento do diário foi exclusivamente sobre o tempo fora do horário da aula. Isso indica que a escola, para uma parte das crianças, é um lugar de retorno para outras atividades: para encontrar os amigos ou simplesmente porque é o equipamento coletivo mais conhecido e mais próximo da residência delas. Todavia, as professoras observam que as crianças retornam à escola, no horário inverso ao da aula, para fazer os temas na biblioteca. Diga-se, de passagem, que a escola tem uma biblioteca ótima e vários projetos que incentivam as crianças a frequentá-la.

Temporalidades engendradas

Como vimos a maioria das crianças da pesquisa tem entre 9 e 11 anos de idade. Com exceção de três meninos (11, 14 e 15 anos) que registraram trabalhar remuneradamente, entre 1 e 3 horas, nenhuma das outras crianças registrou seu envolvimento direto com o trabalho remunerado, o que não exclui o fato de que elas se envolvam ajudando os adultos. As condições das famílias, as pressões advindas da escola e do Conselho Tutelar para a efetiva presença das crianças em sala de aula, a proposta pedagógica flexível e mais interessante da escola (Carvalho, 1999), juntamente com a oferta de infra-estrutura na comunidade (ainda que não esteja equitativamente distribuída) são fatores que diferenciam essas crianças como de classe popular urbana e propiciam a elas viverem melhor que outras. Pode-se contra-argumentar que a pesquisa trabalhou somente com crianças escolarizadas e, com isso, deixou fora os inúmeros casos que se encontram ausentes da escola. Isso deve ter ocorrido, mas o dado concreto é que quase a totalidade das crianças em Porto Alegre está na escola e as políticas públicas em educação têm garantido cada vez mais sua permanência e investido em projetos pedagógicos mais atraentes, pelo menos no que diz respeito à escola desta pesquisa.

A distinção que marca os investimentos e os constrangimentos para meninas e meninos fora do horário escolar é, sobretudo, de gênero e de classe social. Os simbolismos de gênero estão presentes

para as famílias e seus efeitos se fazem notar no tempo maior que as meninas estão envolvidas com os cuidados da casa e do grupo doméstico.

Os registros realizados pelas meninas e meninos no diário dão conta que elas, mais do que eles, têm proporcionalmente menos tempo para o lazer e menos tempo para os cuidados pessoais (o sono, sendo engloba o maior peso neste tempo). A quantidade de eventos relativos aos cuidados pessoais é praticamente o mesmo para ambos, o que os diferencia é a sua duração: até 13 horas nós encontramos mais meninos do que meninas, tanto no dia da semana quanto no Domingo. O contrário se verifica quando a duração é igual ou superior a 13 horas em que os meninos são maioria nos dois dias.

Na duração de atividades de cuidados com a casa observa-se a mesma relação: até 30 minutos a presença de meninos é proporcionalmente maior. Inversamente, na faixa que compreende mais de 31 minutos, a presença de meninas é significativamente maior. Como já foi discutido anteriormente, a divisão de tarefas na casa obedece a lógica de gênero, mesmo que para ambos a 'ajuda' e a 'obrigação' sejam imperativos de sua contribuição recíproca.

No lazer, vê-se que quanto maior é a sua duração maior é a quantidade de meninos. Até 1 hora predominam as meninas nos dois dias; de 2 a 4 horas, a diferença pende em favor dos meninos; na faixa de 4 horas e mais, a relação nos usos do tempo é significativamente em favor dos meninos. A subdivisão do tempo de lazer em brincar mostra que a maior parte das meninas se envolve com esta atividade até 1 hora; no intervalo entre 2 e 4 horas no dia da semana a relação é praticamente igual (32,4% contra 31%), mas no Domingo a relação é favorável aos meninos (25% contra 31,3%). Já no intervalo de 4 horas e mais, a diferença é, ainda, mais significativa privilegiando os meninos em detrimento das meninas. Quanto à duração em assistir televisão, nas duas faixas de tempo (até 1 hora e entre 2 e 4 horas) predominam as meninas; inversamente, quando o tempo é igual ou superior a 4 horas predominam os meninos.

A proporção maior das durações do tempo das meninas investida nos cuidados com a casa e o grupo doméstico encontra-se na proporção menor das durações do tempo investida nos cuidados pessoais e no lazer. Para os meninos ocorre exatamente o oposto: a duração menor de tempo envolvidos com os cuidados da casa permite a eles disporem de mais tempo para o sono e o lazer. As demandas da família, para a contribuição de cada um nos afazeres domésticos, ocupam muito mais as meninas e terminam por afetar quantitativa e qualitativamente o tempo de sono e de lazer delas. Como se vê, gênero é uma diferenciação simbólica e categórica com efeitos no uso discricionário de tempo entre meninas e meninos, favorecendo os últimos em detrimento das primeiras.

Tempos desiguais

As temporalidades são organizadas de modo sexuado e desigual, em razão das disposições

sociais de gênero, e são constituídas por fatores interdependentes: urbanização e industrialização, educação, trabalho, classe social e gênero. O tempo é um conceito complexo reconstruído internamente pelo sujeito no entrelaçamento da sua história individual e social. A construção da noção de tempo exige a mediação de processos que ocorrem entre os sujeitos e os artefatos da cultura. A educação escolar é um dos elementos que potencializa e medeia a incorporação desta noção pela criança.

O gênero, como diferenciação simbólica categórica, é construído a partir de entendimentos culturais, histórica e socialmente marcados por particularismos patriarcais que menosprezam as mulheres. Destarte, as disposições subjetivas e sociais limitam a liberdade de agente das mulheres e informam os usos do tempo de meninas e meninos.

O diário de usos do tempo foi a principal metodologia empregada para compreender o uso discricionário do tempo entre crianças de 9 a 11 anos de idade que freqüentam uma escola da periferia de Porto Alegre. A problematização central da pesquisa, com recorte de gênero, foi conhecer como as crianças de uma escola de classe popular distribuem o seu tempo. A estratégia analítica concentrou-se na comparação dos usos do tempo entre meninas e meninos a partir de três vetores: os cuidados com a casa e o grupo doméstico, os cuidados pessoais e o tempo dedicado ao lazer.

Os dados sociodemográficos mostram que a maioria das famílias tem o Ensino Fundamental Incompleto, a nível de 5ª série. As famílias percebem uma renda que varia entre 2 e 4 salários mínimos. As mães se declaram, principalmente, donas de casa e empregadas domésticas; os pais trabalham no setor formal tradicional como empregados na construção civil. Há focos de pobreza no bairro Vila Nova em razão do reassentamento de famílias, transferidas de zonas de risco para o bairro. No entanto, o poder de organização dessas famílias conquistou um galpão de reciclagem. Uma parte considerável das famílias é proprietária das casas. A Vila Nova tem infra-estrutura de saneamento básico razoável, mas faltam espaços públicos para o lazer. A comunidade tem atuação destacada no Orçamento Participativo do município, conseguindo ao longo dos últimos anos melhoramentos de infra-estrutura no bairro. Essas são algumas características que distinguem a comunidade da Vila Nova como classe popular urbana.

A escola contribui para demarcar a rotina diária e as crianças participam ativamente da compreensão desta rotina. Para as crianças, o dia se organiza, grosso modo, da seguinte maneira: acordar, fazer a higiene pessoal, fazer algumas atividades (de lazer ou tarefas domésticas), arrumar-se e organizar o material para a escola; almoçar, ir para a escola, voltar para casa, descansar, brincar, assistir televisão, dormir. Quanto aos usos do tempo, um número expressivo de crianças não registrou

a realização de atividades domésticas. A razão para este fato é que a organização do grupo doméstico pressupõe o trabalho das crianças como ‘ajuda’. As necessidades do grupo doméstico, em relação ao trabalho na casa, se articulam a partir do princípio de reciprocidade.

Os dados mostram as relações entre os cuidados com a casa, os cuidados pessoais, o tempo de lazer e gênero, onde se evidencia a diferença entre meninos e meninas. Nos cuidados pessoais, na faixa de tempo maior, há proporcionalmente mais meninos. As atividades de cuidados com a casa e com o grupo doméstico apresentaram uma concentração maior de meninas na faixa de tempo maior, bem como os dados sobre o lazer indicam, inversamente, que os meninos possuem mais tempo livre do que as meninas. Na medida em que aumenta o tempo despendido pelas meninas nos cuidados com a casa diminui o tempo delas para o lazer e os cuidados pessoais. Na realização da entrevista coletiva, as meninas entre 13 e 15 anos relataram assumir integralmente as atividades domésticas; praticamente a totalidade delas expressaram que arrumar a casa, preparar o almoço, cuidar dos irmãos são tarefas que fazem parte do seu dia-a-dia. Para os meninos tais atividades fazem parte de uma ‘ajuda’ que eles podem ou não prestar à família. Há indícios de que quando os meninos realizam tais atividades eles ganham uma recompensa – tipo ‘pode ir brincar’.

O tempo de lazer da maior parte das crianças é dividido entre assistir televisão e brincar. A televisão se impõe porque se realiza o lazer na linha do menor esforço conjugado à falta de alternativas e equipamentos coletivos na comunidade onde vivem. O lazer também tem marcas de gênero: as meninas assistem preferencialmente novelas e os meninos, os filmes. Os brinquedos prediletos são jogar futebol e videogame para os meninos. Para as meninas há uma diversidade maior de tipos de brincadeiras, mas somente elas brincam de ‘boneca’ e ‘casinha’. Há indícios de que meninas e meninos ganham presentes que ativam os simbolismos de gênero.

Há distribuição diferencial por gênero nos usos do tempo das crianças, resultado da permanência de particularismos patriarcais na alocação do tempo de meninas e meninos. As famílias ocupam muito mais as meninas nos afazeres domésticos do que os meninos, com isso eles têm mais tempo livre. Em razão das disposições sociais de gênero eles sofrem menos pressão para a sua contribuição em tarefas repetitivas e monótonas, podendo fazer uso do seu tempo em atividades lúdicas e interessantes. As particularidades sociais da comunidade, na oferta de serviços e lazer, juntamente com as condições econômicas de cada família, limitam o escopo de escolhas discricionárias no uso do tempo para as crianças, o que faz com que o tempo de lazer seja investido em assistir televisão. A popularização da televisão no último quarto do século XX, a facilidade de uso deste equipamento nos lares e a sedução dos programas são as outras razões que explicam a sua absorção considerável no tempo de lazer das crianças.

As conclusões de outras pesquisas podem ser pensadas para o presente estudo, pois indicam que a distribuição do tempo é desigual, assumindo um caráter sexuado ativado no fazer diário da constituição dos sujeitos. Os aspectos culturais, os simbolismos de gênero e as necessidades de trabalho das famílias pobres respondem pela alocação maior do tempo das meninas para os afazeres domésticos. Dessa perspectiva, as próprias famílias necessitam ser educadas para pôr em prática uma das indicações da plataforma da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (Organização das Nações Unidas, 1996, p.197) que é “educar e estimular os pais e custódios para que tratem de igual modo as meninas e os meninos e assegurem a partilha das responsabilidades entre eles no seio da família”.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Neuma. *Rio de Janeiro plural: um guia para políticas sociais por gênero e raça*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos : IUPERJ, 1994.
- AGUIAR, Neuma. Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira. *Textos de sociologia e Antropolgia*, Belo Horizonte, n. 53, 1998.
- AGUIAR, Neuma. *Time use analysis in Brazil: How far will time use studies have advanced in Brazil by the year 2000?*, 22. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 22 p. mimeografado.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmem. Fragmentos sobre a rotinização da infância. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 93-113, 2000.
- BRUSCHINI, Maria Cristina. O uso do tempo entre famílias de classe média em São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 4, 1983.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- CARVALHO, Marie Jane Soares. *Gênero, raça e classe social no currículo*. Porto Alegre, 1999. Tese de Doutorado - Programa de pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CARVALHO, Marie Jane Soares. *Diário de usos do tempo para crianças*. (didático/pedagógico). Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, Fundação Biblioteca Nacional: Registro 226.151, 2001a. 23 p.
- CARVALHO, Marie Jane Soares. Método qualitativo e abordagem em triangulação. 2001b. Artigo. Apresentado a Curso de Extensão em Métodos de Pesquisa Científica e Elaboração de Projeto, Porto Alegre , 19 abr. 2001b, 37 p.
- CEBOTAREV, Eleonora. Organização do tempo de atividades domésticas e não domésticas de mulheres camponesas. In: AGUIAR, Neuma (Org.) *A mulher na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DAUSTER, Tania. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 82, p. 31-36, 1992.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Salário mínimo: pouca comemoração para o 1o. de maio DIEESE, 2001. Disponível na Internet: <http://www.dieese.org.br/salmin99.html>. Capturado em 19 jun. 2001; Online.
- DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.) *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 343-402.
- ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O mito na sala de jantar. *Mercado Global*, São Paulo, p. 38-45, 1983.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O mito na sala de jantar - leitura interpretativa do discurso infanto-juvenil sobre a televisão*. Porto Alegre: Movimento, 1984.
- FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.
- GOVERNMENT OF INDIA; UN-ESCAP. Report of the International Seminar on Time Use Studies UN-ESCAP, 1999. Disponível na Internet: http://www.unescap.org/stat/meet/timeuse/TUS_report.htm. Capturado em 06 jul. 2000; Online.
- HEILBORN, Maria Luiza. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.) *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 291-343.
- HIRWAY, Indira. Time use studies: conceptual and methodological issues with reference to the indian time use survey. UNESCAP, 1999. Disponível na Internet: http://www.unescap.org/stat/meet/timeuse/Conceptual_SesI.htm. Capturado em 06 jul. 2000; Online.
- LAVINAS, Lena. Gênero, cidadania e adolescência. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.) *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 11-44.
- MACARTHUR RESEARCH NETWORK. Time use conference - Session IV: Children and time MacArthur Research Network, 2000. Disponível em: <http://www.olin.wustl.edu/macarthur/conference/session4.htm> Acesso em 16 ago, 2000.
- MADEIRA, Felícia Reicher. A trajetória das meninas dos setores populares: escola trabalho ou...reclusão. In: Machado, Felícia Reicher (Org.) *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 45-134.
- PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.
- PIAGET, Jean. *A noção de tempo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1946.
- PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 49-66.
- RODRIGUES, Rejane Penna. *Brincação: uma brinquedoteca itinerante*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação e gênero no Brasil nos anos 80. 1994. Versão preliminar. Apresentado a IV Seminário Nacional: Mulher, Educação e Cultura, Porto Alegre 1994, 62 p.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.) *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 135-212.
- SAXE, Geoffrey B. Selling candy: a study of cognition in context. In: COLE, Michael; ENGESTROM, Yrjo; VASQUEZ, Olga (Eds.) *Mind, culture, and activity: seminal papers from the laboratory of comparative human cognition*. New York: Cambridge University Press, 1997. p. 330-337.
- SCHEUCH, Erwing K. The time-budge interview. In: SZALAI, Alexander (Org.) *The use of time: daily activities of urban and suburban population in twelve countries*. Paris: Mouton, 1972. p. 69-87.
- SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- SOUZA, Amaury de. O uso do tempo como medida da qualidade de vida urbana. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 51-75, 1972.
- STONE, Philip J. Child care in twelve countries. In: SZALAI, Alexander (Org.) *The use of time: daily activities of urban and suburban population in twelve countries*. Paris: Mouton, 1972. p. 249- 264.
- STRZEMINSKA, Helena. Educational status and time-budgets. In: SZALAI, Alexander (Org.) *The use of time: daily activities of urban and suburban population in twelve countries*. Paris: Mouton, 1972. p. 377-395.
- SZALAI, Alexander. *The use of time: daily activities of urban and suburban population in twelve countries*. Paris: Mouton, 1972.

UNITED NATIONS SECRETARIAT. Trial international classification for time-use activities Statistic division - Expert Group Meeting on Trial International Classification for Time Use Activities,1997. Disponível em: <http://www.un.org/Depts/unsd/timeuse/icatus/icatus_3.htm
http://www.un.org/Depts/unsd/timeuse/icatus/expnote_1.pdf> Acesso em 05 set. 2001.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.